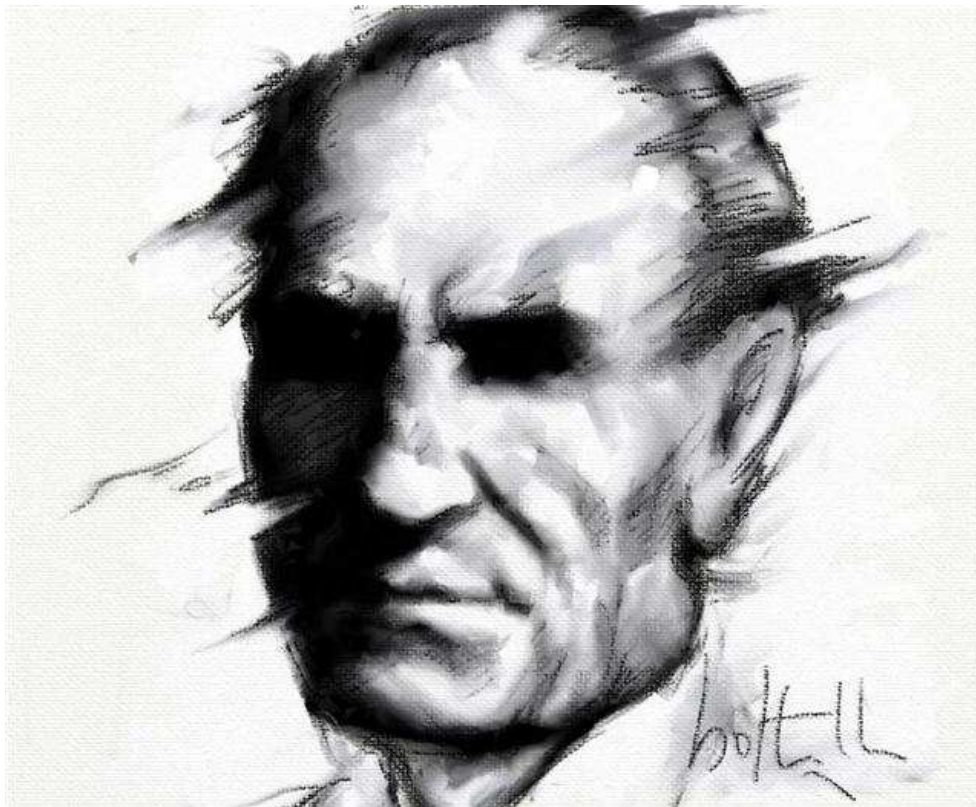


MIGUEL TORGA

Em brevíssima conversa com Maria Augusta Silva

MARÇO 1992

Nota prévia: Poderá estranhar-se a inclusão desta conversa com Miguel Torga num espaço intitulado "Grandes Entrevistas". Na realidade, é uma pequeníssima entrevista, seguramente a mais breve de quantas integram esta série. Sabe-se, aliás, que Torga não concedia entrevistas, recusando de forma terminante todas as solicitações nesse sentido. O escritor, porém, anuiu em responder às nossas perguntas, no final da cerimónia em que foi distinguido com o prémio Vida Literária, da Associação Portuguesa de Escritores. E reproduz-se aqui a conversa de dois minutos pela razão singela de não se dispor neste sítio de outro espaço apropriado para o efeito.



Miguel Torga por Botelho

Abeiro-me de Miguel Torga, rompendo, discretamente, por entre a multidão que superlotava as instalações da Associação Portuguesa de Escritores. Todos queriam dar-lhe uma palavra, dirigir-lhe um olhar de apreço, de respeito, de gratidão.

Aguardo a um canto com os pés pisados sem querer por outros pés que igualmente pretendiam chegar junto daquele que alguém um dia definiu como o último «bicho» com voz de terra e mar; com voz de todas as gentes, de todos os sítios; com olhos de sementeira arada, adubada, remexida pela têmpera de um «lavrador» da palavra e do sentir. Torga nasceu recatado. Cresceu recatado. Vive recatado. Averso a entrevistas, a declarações. Preferiu contar-se, dizer-se por meio da escrita.

Ia ser difícil, pensava eu. Ia ser impossível falar-lhe, repetia dentro de mim. Temi que recebesse o nosso cumprimento sem mais delonga. Ele estava cansado, isso era muito visível, e os médicos procuravam defendê-lo, compreensivelmente. Mas Torga sorria. Enfrento-o, pergunto-lhe:

– Por que não criou o "sétimo dia" na sua *Criação do Mundo*?

- O "sétimo dia" é o dia do descanso... A própria Bíblia o diz.
 - Mas a sua *Criação do Mundo* é a vida de um homem...
 - Sim, e o "sétimo dia" será, também, o dia do meu descanso.
 - Que seja para bem tarde esse descanso... Ainda esperamos o XVI volume do seu *Diário*.
 - Já está a ser passado, sabia!?
 - E por que abre sempre os seus *diários* com uma citação de Amiel: *Chaque jour nous laissons une partie de nous-mêmes en chemin?*
 - Porque todos os dias deixamos realmente pelo caminho as nossas células, bocados do nosso corpo, pedaços da nossa alma, não concorda?
- Se acaso ousasse ainda perguntar-lhe pela sua esperança, diria, por certo, como o fez num dos seus versos: *Tão fiel que te fui a vida inteira...*
- E a reportagem ficava, assim, com Torga, de pé, de azul-escuro vestido, sorrindo. Próximo, estava um dos maiores amigos de sempre do autor de *O Outro Livro de Job*. Frederico de Moura. Questionámos:
- Que amigo é Torga?
 - Um Amigo, isso mesmo, um Amigo, ao contrário do que alguns dizem, caluniando-o tão injustamente.
 - Consideram-no, por vezes, agressivo...
 - Agressivo, porventura, só para os *pseudointelectuais gordos*.